



Portugal não pode desperdiçar esta última oportunidade de financiamento

Os desafios do novo QREN



Portugal precisa de trabalhadores criativos e de um “choque operacional”

Francisco Jaime Quesado

Vai finalmente entrar em funcionamento o novo QREN (Quadro de Referência Estratégica Nacional). No contexto da atual situação económica e no meio de uma profunda crise financeira internacional, continua a ser evidente no nosso país a falta de um modelo de desenvolvimento que seja partilhado sob a forma de contrato estratégico entre o Estado e a sociedade civil. Os atores económicos e sociais (municípios, empresas, universidades, centros de inovação) preocupam-se unicamente com a sua sobrevivência conjuntural e por isso têm desperdiçado a oportunidade única de fazer do QREN uma aposta sustentada para o futuro do país.

O QREN foi concebido como um instrumento inovador para dar resposta às novas exigências que a competição da economia global e os novos fenómenos sociais exigem ao nosso país. O balanço de 25 anos de fundos comunitários é muito claro: aposta na melhoria das infraestruturas do país, numa lógica não raras vezes pouco coordenada e monitorizada (veja-se a proliferação desnecessária de parques industriais e pavilhões desportivos municipais),

falhas sucessivas nas ações de formação empreendidas ao longo das três intervenções levadas a efeito, resultados muito frágeis nas áreas essenciais da inovação, conhecimento e competitividade. Vinte anos depois Portugal é um país de autoestradas com menos coesão territorial e crescentes desigualdades sociais numa Europa em grande indefinição de identidade.

O QREN não pode ser interpretado pelos atores nacionais como mais um instrumento financeiro utilizável para dar cobertura a uma crescente falta de financiamento nos circuitos tradicionais. Em tempo de crise financeira, impõe-se mais do que nunca um verdadeiro “choque operacional”: desativação das atividades empresariais sem valor, aposta maciça numa formação/educação que produza quadros reconhecidos pelo mercado, fixação de investimentos e talentos nas regiões mais desfavorecidas, criação de um contexto competitivo moderno voltado para a

Vinte anos depois, Portugal é um país de autoestradas com menos coesão territorial e crescentes desigualdades sociais

criatividade das pessoas e a qualidade de vida das cidades. O QREN dispõe dos instrumentos financeiros que poderão ajudar a alavancar toda esta agenda de mudança.

É por isso que a aposta numa estratégia coletiva para o futuro tem de ser a marca desta nova fase do QREN. Um sinal de aposta nas políticas do conhecimento, centradas em territórios inteligentes e na dinamização de verdadeiros trabalhadores criativos. Ideias simples e claras e para as quais mais não é necessário do que um pacto de “cumplicidade estratégica” e de “convergência operacional” entre todos os que têm responsabilidades — atores públicos, empresas, universidades e centros de saber.

Portugal não pode perder esta oportunidade de alteração do seu paradigma de desenvolvimento estratégico. Em tempo de profunda crise financeira, têm de ser acionados mecanismos de rápida absorção das verbas disponíveis. Mas não a qualquer preço. Sob pena de se estar a hipotecar o futuro. O QREN tem de uma vez por todas de se assumir como um fator estratégico de convergência positiva do país face aos novos desafios de uma economia global complexa e exigente.

Presidente da ESPAP—Entidade de Serviços Partilhados da Administração Pública